

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 21 — VOL. III.

Sabbado 28 de Maio de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A pesca — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — A cidade d'Evora, conclusão — Quadras historicas — A menina dos cabelos brancos, conclusão — O rio Po — O cavallo — Memorias do coração, continuação — —Alva Estrella, continuação — Um anjo
GRÁVIAS: — A pesca — Porta d'Aviz em Evora — Fachada lateral da sé d'Evora do lado da porta do Sol — Ponte do Po em Turim.

Historia da actualidade.

Ordenou-se ao empresario da linha ferrea de Cintra, que dentro em vinte e quatro horas fizesse as obras indispensaveis para o dessecamento dos pantanos entre as pontes d'Algés e Cruz Quebrada.

— Garibaldi passou o Tessino invadindo a Lombardia.

— O quartel general dos austriacos, á data das ultimas noticias, achava-se em Garlasco, e o dos alliados em Voghera.

— Houve a semana passada um combate em Montebello, contando-se que os austriacos fizeram um reconhecimento sobre Teglio e Montebello, onde tiveram um encontro com as forças francezas. A acção foi renhida.

— A' excepção d'Ancona e Trieste os mais portos do Adriatico estão bloqueados por navios francezes.

— No combate de Montebello perderam os alliados seiscentos homens; e os austriacos dois mil, segundo os boletins. Os austriacos abandonando o campo deixaram viveres e munições. Diz-se que este combate obriga os austriacos a abandonarem a linha do Pó, e concentrarem-se nas margens do Tessino.

— O divan pediu á Inglaterra que lhe enviasse uma esquadra para Resika.

— O celebre Humboldt, illustração scientifica, falleceu em Berlim.

— Sua santidade fez communicar que não abandonará a cidade de Roma.

— O mercado de gado, que recentemente se estabeleceu em Villa Nova da Rainha, tem-se apresentado sob os melhores auspicios.

— Este anno a colheita de cereas promete em o nosso paiz ser abundantissima.

— Diz-se que estão escripturadas para a futura epoca de S. Carlos, as primas donas Lotti e Tedesco.

— Suas altezas o duque do Porto, o principe Jorge de Saxonia, e sua augusta esposa achavam-se em Londres no dia 21 do corrente. Assistiram a um jantar dado pela rainha Victoria.

— Consta que o celebre tenor Mirate se apresentou como voluntario no exercito de Sardenha, e se lhe deu o commando de um esquadrao de cavallaria tambem de voluntarios.

— O senhor Marques Pinto, insigne violonista portuguez, tem sido muito applaudido no theatro de S. João do Porto.

— E' esperado em Lisboa o principe de Galles.

— A senhora duqueza de Palmella, que tem estado gravemente enferma, acha-se felizmente quasi restabelecida.

— Nos primeiros dias de Julho começará finalmente a demolir-se a ermida da Guia, para se dar começo á nova rua da *Imprensa*.

— Teem sido agora continuados os exercicios militares da guarnição de Lisboa.

— Em solemnisção do anniversario natalicio de sua magestade a rainha Victoria, deu-se no paço das Necessidades um jantar diplomatico.

— Evadiram-se os presos da cadeia de Beja.

— O imperador dos francezes transferiu o seu quartel general para Alexandria.

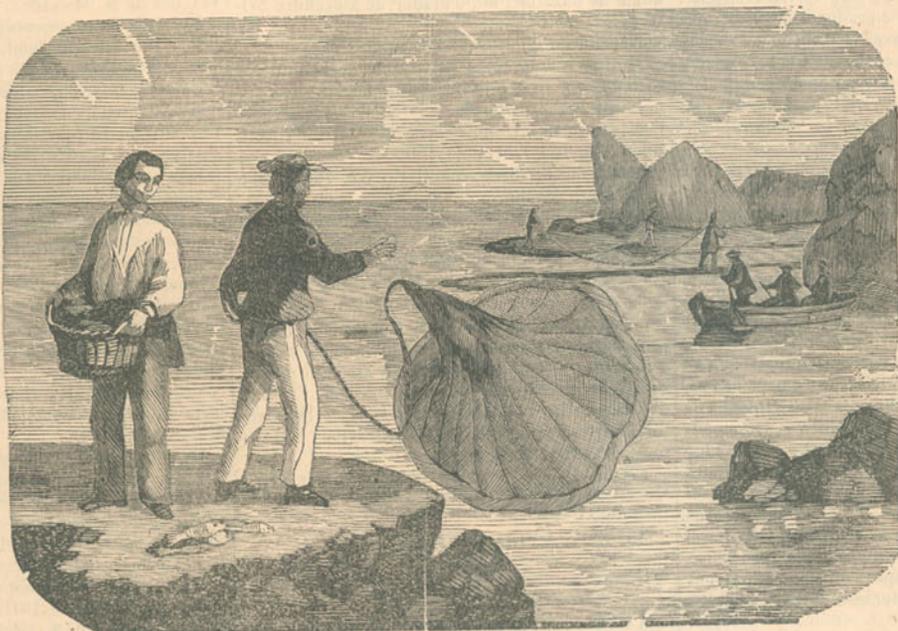
A pesca

Os primeiros appellidos de que o homem se serviu para pescar deviam ser de extrema simplicidade. Talvez que se empregassem n'este uso os objectos que mais achava á mão. Foi de certo com o

tempo, e á força de aperfeicoamento, que se chegou a esses appellidos tão complicados e ao mesmo tempo tão variados que se podem applicar em todas as circunstancias, assim como servem tambem para toda a especie de animaes aquaticos.

Vendo nadar os peixes em aguas claras e limpidas, nascera a idea de o apanhar cobrindo-o com uma especie de sacco, e d'ahi naturalmente a origem da rede que no primeiro plano mostra a nossa gravura, muito usada em França, onde lhe chamam *épervier*.

Esta especie de redes, ou analoga, foi mui conhecida da antiguidade. Oppiano, enumerando diversas que se usavam no seu tempo, menciona as *amphiblastres*, redes confeccionadas de modo a poderem encerrar o peixe por todos os lados,



A pesca.

e circularmente; as *dictues*, destinadas a arrastar; e as *calumnes*, especie de velas que lançadas à agua se abriam, occupando grande extensão da sua superficie.

A rede de que tratamos, e da qual dissemos o nome mais generico que tem em França, é de malha retorcida, e com a forma de um cone. Na bocca tem uma corda da grossura de um dedo, e de distancia em distancia estão pequenos chumbos ou balizas furadas, collocadas a quarenta ou cinquenta centímetros mais abaixo da reborda da bocca. As malhas vão diminuindo da parte superior para a inferior progressivamente, de sorte que no fim com estro se pode introduzir n'ellas um dedo.

Pesca-se de dois diferentes modos com esta rede: ou lançando-a, ou arrastando-a. Serve tanto nos lagos, como nos rios, e até no mar largo. Um homem só basta para trabalhar com ella; mas deve ser dotado de força, e destreza, e carece de muita cautela em não ter em si coisa que possa prender-se ás malhas da rede, porque neste caso não só pelo peso do instrumento, como pelo movimento que faz para diante ao lançal-a, o pescador cairá n'agua. A estampa representa o modo de se servir d'ella.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação. *

GEORGE PEELE.

Nasceu em Devonshire em 1553. Pouco depois passou a Oxford, onde lhe começou a desabrochar o talento poetico. Permaneceu algum tempo em Pembroke College, concluindo o curso academico em Christ-Church. Tomou o grau de bacharel a 12 de Junho de 1577, e o de *artum magister* a 6 de Julho de 1579.

Os diminutos leitores da provincia não lhe davam sufficiente consumo ás obras; por isso, e para adquirir mais vastos conhecimentos litterarios, veiu a Londres, onde residiu algum tempo, tomando ali intimidade com os mais famigerados escriptores do tempo.

A primeira estreia litteraria de Peele foi o *Pasionate centurie of love* (O seculo apaixonado de amor), poema dedicado a Thomaz Watson. Seguiu-se em 1584 a publicação da primeira obra dramatica, *The arraignment of Paris* (A accusação de Paris) comedia-drama escripta com chiste e espirito.

Além da parca recompensa que recebia por pantomimas ou comedias burlescas representadas em Londres nos dias festivos, não se conhecem os meios de subsistencia do poeta.

O gosto dos autos ou dramas sacros ainda não se havia extinguido de todo; Peele voltou a imaginação para este assumpto, e produziu o bello drama de *David e Bethsabe*. Parece que ultimamente o poeta luctara com a miseria, acabando na obscuridade, e ignora-se tanto o logar como a epoca em que falleceu. Julgamos terem-se perdido algumas das suas obras no fatal fogo de Londres (1), sendo conhecidas as seguintes:

Tale of Troy (Conto de Troia) publicado em 1589 — *Farwell* (Adens) poema escripto com energia e patriotismo, dedicado á armada vinda á Portugal, e publicado em 1539 — *Elogue gratulatorie, entitled to the honourable and renowned sheperd of Albion's arcadia*, *Robert Earle of Essex and Ewe*, for his welcome into England from *Portugall* (Elogio de gratidão ao honrado e famigerado pastor da arcadia d'Albion, *Roberto Earle de Essex e Ewe*, pela sua boa chegada de Portugal a Inglaterra — *Polyhymnia*. *Descensus Astreae*, the device of a pageant borne before Mr. William Web (Descida de Astrea, invenção de uma pantomima representada perante o senhor William Web, lord *maire* de Londres em 1591) — *Hunting of Cupid* (A caça de Cupido) pastoril dramatica, publicada em 1594 — *Chronicle of king Edward the first* (Chronica de el-rei Eduardo I) publicada em 1593 — *Battle of Alcazan* (Batalha d'Alcazan) publicada em 1593 — *The old wife's tale* (O conto da velha esposa) publicado em 1595 — *The turkish Mahomet and Hi-*

ren the fair greek (O turco Mafoma e Irene a bella grega) — *Merrie conceited jest merry ballad of Hawthorn Tree* (Alegre ballada de Hawthorn Tree) — Contribuiu com varios poemas para o *Ninho da Phenix*.

ANTHONY MUNDAY.

Escassas noticias biographicas temos de Munday; sabemos porém que nascera em 1553, e fora educado em Roma, morrendo a 10 de Agosto de 1663. Parece pela asserção de alguns escriptores, que se empregara no mister de actor, e escrevinhador de pamphletos e obras de pouca monta para varios livreiros. Nas obras que legou pretendendo imitar a Peele nas pantomimas e dramas para os theatros de Londres. Foi escriptor volumoso tanto em traducções como em originaes, e tido pelos seus contemporaneos como dramaturgo modelo e poeta elegante. Escreveu o que se segue:

Mirror of mutability (Espelho da mutabilidade) publicado em 1579. — *The Englishman's roman life, or how Englishmen live at Rome* (A vida do inglez romano, ou como os inglezes vivem em Roma) publicada em 1582 — *The discoverie of Edward Campion the Jesuit* (A descoberta de Eduardo Campion o Jesuita) publicada em 1582 — *A breefe and true report of the execution of certayne traytours at Tiborne, the xxviii and xxx days of May 1582 gathered by A. M. who was there present* (Uma breve e verdadeira relação da execução de certos traidores em Tiborne, aos 28 a 30 dias de Maio de 1582, colhida por A. M. que estava presente) — *Chryso Triumphs* (1614) — *Triumphs of old drapery* (Triumphos da velha tapeçaria) 1616 — *Metropolis Coronata*, 1615 — *Chrysanaleia or honour of the fishermen etc.* (Chrysanaleia ou honra dos pescadores) 1616 — *Historia de Palmendos* — *The Downfall of Robert Earle of Huntingdon* (A queda de Roberto Earle de Huntingdon) Fevereiro 1598. impresso em 1601 — *The death of Robert Earle of Huntingdon* (A morte de Roberto Earle de Huntingdon) com Chettle. Fevereiro 1598, e impressa em 1601 — *The widow's charm* (O encanto da viuva) Julho 1602, impresso em 1607 sob o nome do Puritano ou a viuva de *Walling Street* — A primeira parte da vida de *John Old Castle* escripta de sociedade com Drayton, Wilson e R. Hathway: publicaram-se duas edições em 1600 — *The set at Tunis*, 1602, querem varios dar a originalidade d'esta a *Middleton* ou *Rowley* — A ballad made by *Ant. Munday of the encouragement of an English soldier, to his fellow mates* (Uma canção feita por Ant. Munday, da animação de um soldado inglez aos seus companheiros) — *A banquet of Daintie conceites* (Um banquete de exquisitas presumpções) publicado em 1588 — Traduziu do francez, sob o nome de *Lazarus Plot*, o orador de *Alexandre Sylvian*.

Não foram impressas as seguintes obras:

Mother redcap (Mãe de barrete vermelho) associado com Drayton. Dezembro 1597 — *The funeral of Richard Cordelion* (O funeral de Ricardo Coração-de-Leão), de sociedade com R. Wilson, Chettle, e Drayton. Maio 1595 — *Valentine and Orson*, de sociedade com Hathway. Julho 1598 — *Chance Medley*, de sociedade com Wilson, Drayton e Dekker. Agosto 1598. — *Owen Tudor*, de sociedade com Drayton, Hathway, e Wilson. Janeiro 1600 — *Fair Constance of Rome* (Bella Constança de Roma) Junho 1600, de sociedade com Hathway, Drayton, e Dekker. A segunda parte da *Bella Constança de Roma*, foi de sociedade com os mesmos autores no mesmo anno e mez — *The rising of cardinal Wolsey* (A ascensão do cardeal Wolsey) de sociedade com Drayton, Chettle, e Wentworth Smith. Novembro 1601 — *Two harpies*, de sociedade com Dekker, Drayton, Middleton e Webster. Maio 1602.

Continua.

F. E. PAYANT.

A cidade d'Evora.

Conclusão.

A cidade d'Evora está edificada no centro da provincia do Alentejo, e por todos os lados rodeada de dilatadissimas planicies.

Tres vezes foi esta cidade fortificada. A primeira por Sertorio, que a cercou de muros, com varias torres e cinco portas, cuja obra se demoliu no reinado de D. Fernando I. A segunda por D. Afonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando I, que construíram uma mais larga cerca de muralhas, que ainda existem bem conservadas, com maior numero de torres, e dez portas. A terceira nos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II, que principiaram e adiantaram um plano de fortificações, que se não chegou a concluir, e que devia constar de doze baluartes, e dois meios baluartes, ligados na maior parte do seu recinto aos muros de que acabamos de fallar.

Presentemente tem a cidade sete portas, chamadas da *Lagão*, de *Ariz*, de *Mendo Esteves*, da *Piedade*, do *Rocio*, do *Reimondo*, e de *Alconchel*. As outras tres perdeu-as com a edificação de dois conventos, e de um baluarte.

No centro da cidade eleva-se um pouco o terreno com mui doce subida. Sobre essa pequena altura está situada a sé. Foi fundada esta cathedral pelo bispo D. Paio no anno de 1186; e gastaram-se dezoito annos na sua construcção. É um grande templo de architectura gothica, com cento e noventa e tres palmos de comprimento, oitenta e nove de largura, e cento e quinze de altura; dividido em tres naves, e contendo vinte capellas. Em 1721 foi demolida por ser pequena a antiga capella-mór, começando-se então a actual pelo risco de Ludovice, architecto do palacio de Mafra. Toda construida de finos marmores, e ornada de excellentes esculturas, é sem duvida uma das obras mais sumptuosas, que n'este genero ha em Portugal.

O primeiro bispo de Evora foi S. Maços, discipulo dos apóstolos, no anno 35 da era de Christo. Tendo perdido a cidade a sua cadeira episcopal pela invasão dos moiros, recuperou-a logo que foi resgatada do poder dos infieis, dando-lhe D. Afonso Henriques por bispo a D. Soeiro. Em 1540, por morte do cardeal infante D. Afonso, ultimo bispo d'Evora, foi elevada esta mitra á dignidade archiepiscopal, sendo o seu primeiro arcebispo o cardeal infante D. Henrique, depois rei.

As rendas d'esta sé elevavam-se no principio do seculo passado a cento e quarenta mil cruzados.

Pegado á sé está o palacio archiepiscopal, e contiguo a este o edificio da bibliotheca publica e museu.

Além da freguezia da sé, ha na cidade mais quatro parochias, que são: S. Pedro, que foi igreja de templarios, e posteriormente reedificada; a de Santiago; a de Santo Antão, edificada na praça principal da cidade em 1558 pelo cardeal infante D. Henrique, a qual é um bom templo de tres naves; e a de S. Mamede.

A igreja da misericórdia foi fundada em 1533, bem como o seu hospital.

Contava Evora, antes da extincção das ordens religiosas em 1833, vinte e dois conventos e collegios, dentro da cidade, e proximo dos seus muros. Dos de frades são dignos de menção, pelas suas magnificas igrejas que se conservam em bom estado os seguintes: o de S. Francisco, cujo vastissimo templo de uma só nave, e sem columnas, que sustentem a sua singular abobada, foi construido nos reinados de el-rei D. João II e de el-rei D. Manuel; o de Nossa Senhora da Graça, de religiosos agostinhos, fundado por el-rei D. João III no principio do seu governo; o de Ara Celi, de religiosos cartuchos, edificado em 1598 pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança; o de Nossa Senhora do Espinheiro, de monges de S. Jeronymo, começado em 1452 e concluido em 1538; e o collegio do Espirito Santo, de jesuitas, obra do cardeal rei.

Os conventos de freiras são oito: o de Santa Helena, de religiosas capuchas, fundado pela infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel; o de Santa Clara, de franciscanas, levantado em 1438; o de Santa Catharina, de dominicas, edificado em 1547; o do Salvador, de franciscanas, fundado em 1605; o de Nossa Senhora do Paraíso, de dominicas, construido em 1516; o de S. Thereza, feito em 1681; o de S. Bento, de bernardas, cuja primeira fundação teve logar em 1169; e o do Menino Jesus, de agostinhas, edificado em 1380.

(1) Do num. 18

(2) Calcula-se a perda de livros raros no valor de 150000 libras.

Iriamos muito além dos limites, que nos impõe a organização d'este jornal, se mencionassemos todos os edificios religiosos, que Evora possui. Bastará pois dizer, que além dos já referidos, conta muitos recolhimentos, confrarias, e ermidas. Ainda existe o palácio da antiga inquisição, hoje propriedade particular.

A frente dos seus estabelecimentos de caridade figuram a *casa pia*, fundada em 1836, o *hospital da misericórdia*, e o celloiro para emprestimos aos lavradores pobres, chamado *Monte de Piedade*, instituído pelo cardeal infante D. Henrique em 1576.

Este mesmo príncipe honrou a cidade d'Evora com uma universidade, que foi a segunda que houve no reino, e á erecção da qual muito se oppoz a de Coimbra (1).

Nenhuma cidade de Portugal mostra, como esta, tantos vestígios da sua antiguidade e passadas grandezas. O aqueducto, chamado da *Prata*, com os seus dois elegantes pavilhões, ou mães d'água (2); o templo de Diana, ornado de um formoso vestibulo de columnas corinthias de marmore branco; O palacio de Sertorio, hoje occupado pelas freiras do Salvador, e do qual ainda restam algumas partes, apesar das reedificações posteriores; uma das portas e parte de uma torre da cerca da cidade, mandada fazer por Sertorio, são, além de varias inscrições e cippos, os padrões, que commemoram a prosperidade e importancia d'Evora no tempo dos romanos.

Os restos do palacio real com suas formosas janelas gothicas, junto ao convento de S. Francisco, e no fundo de um espaço *terreiro*, obra dos reis D. João II e D. Manuel; o antiquissimo palacio acastellado dos duques do Cadaval, e os de outras antigas casas titulares, mais ou menos bem conservados, attestam o esplendor d'Evora nas epochas em que foi córte de nossos reis, e principal residencia de muitas das mais nobres familias de Portugal.

Evora é sede das diversas autoridades e repartições, que competem á capital de um districto. Possui um lyceu nacional, um seminario archiepiscopal, uma bibliotheca publica, um museu de antiguidades, achadas pela maior parte em excavações nos arredores da cidade, dois theatros, onde representam companhias volantes, e uma casa d'assemblea. O regimento de cavallaria n.º 5 tem o seu quartel n'esta cidade, cujo edificio é talvez o mais bello e vasto d'entre todos os quartéis militares do reino (3).

Não ha na cidade nenhuma praça regular; porém a maior praça é bastante grande e tem alguns bons edificios. Na extremidade da praça, fazendo frente á igreja de Santo Antão, fica a casa da camara e a cadeia, edificadas no reinado de D. Afonso V. As outras praças são pequenas. O *Rocio* é fora dos muros da cidade, e junto á porta do mesmo nome. É um grande campo, sem mais edificações do que um chafariz. Tem uma alameda de arvores plantadas modernamente, que offerece um agradável passeio, porém pouco concorrido. É aqui que se fazem as feiras annuaes a 24 de Junho, e a 12 d'Outubro. Esta é só de gados, e muito concorrida; porém aquella e a de Vizeu são as duas mais importantes de todo o reino.

Proximo do Rocio, e junto ás muralhas, da parte de fora, está a *horta dos soldados* com seus arvores, tanques, e flores. É um bonito passeio, com vista desafogada para os lados de Beja, mas pouco frequentado.

A cidade é bem abastecida de agua pelo *aqueducto da Prata*, que alimenta varios chafarizes no interior da povoação, e por outras fontes que estão fora dos muros.

Os arrabaldes d'Evora não são formosos. Em torno das muralhas ha varias hortas, e mais distante, espalhadas aqui e ali, vêm-se algumas quintas arborizadas, mas poucas e pequenas. Tudo o mais são campos de trigo, perfeitamente planos. Só ao longe se avistam montes, oliveas e frondosos arvores dos montados.

(1) Veja-se o que dissemos a este respeito, e á cerca do edificio sumptuoso da universidade a pag. 322 do segundo volume.

(2) Veja-se o artigo e estampa, a pag. 358.

(3) Veja-se o artigo e estampa a pag. 318 do primeiro volume.

Os mercados da cidade são abundantemente fornecidos de fructas, e de todo o genero de criação e caça, que lhe vem de diferentes terras, e até da Beira. O termo cujos terrenos são de extraordinaria fertilidade, produz muitos cereaes, azeite, e algum vinho. Cria-se n'elle grande quantidade de gados de diversas especies, que constituem, juntamente com as lãs, um dos mais importantes ramos do seu commercio.

Evora gosava no antigo regimen de voto em côrtes, sentando-se os seus procuradores no primeiro banco. A sua população excede hoje, talvez, a dez mil almas. Nos tempos em que foi córte tinha mais do dobro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Quadras historicas.

CONSIDERAÇÕES.

A humanidade segue na sua marcha triumphal. Os seculos somem-se no abysmo do passado, levando a gloria de terem ajudado com todos os seus esforços o aperfeiçoamento do genero humano. Cada geração que passa deixa um legado de glorias á geração seguinte; e um rasto profundo no coração da sociedade. Os inventos succedem-se aos inventos. A intelligencia humana, progressivamente desinvolvida, combate esforçada nas lides honrosas da sciencia e das artes. A civilização caminha — nada tolhe os seus passos agigantados. O homem, esse rei da criação, rasgando cada dia uma parte ao veu d'ignorancia que envolvia as sociedades no berço, sorri ante os obstaculos mais invenciveis. O genio avança destemido e afoito contra as mais arduas barreiras, para satisfazer a séde que o devora.

As revoluções, as conquistas, os inventos, as descobertas, abrindo caminho ao progresso humano, impellem os povos na estrada fecunda da civilização.

Na infancia do mundo, quando as tendencias benignas do homem o levavam ao goso imperturbavel da vida pastoril; quando o germen das paixões ainda não desinvolvido no coração da especie humana limitava as ambições e os desejos, o aperfeiçoamento moral e material era um segredo do porvir.

Desde porém que as sociedades se constituíram separadamente, as linguas divergiram, os imperios se crearam, e cada um tratou de defender os seus direitos, atacando muitas vezes os dos visinhos, abriu-se em face da humanidade o fecundo caminho da civilização, que seculos após seculos, nos seus successivos e variados cataclysmos, nos tem feito atravessar, sem ainda lhe alcançarmos os horisontes, porventura indefinidos.

A ambição, promovida pela inveja, e cujas primeiras sementes haviam saído do paraíso terrestre na descendencia reprovada de Caim, levou o homem aos intentos, uteis todavia aos vindouros, da usurpação, da guerra e do exterminio.

As raças divididas, tornando-se inimigas umas das outras, fecundaram os germens do aperfeiçoamento humano. O espirito do homem, sequioso e insaciavel de superioridade, encurtou a existencia nas lides da imaginação; e os primeiros inventos começaram abrindo a marcha aos grandiosos acontecimentos que tem assignalado as diferentes epochas da existencia social, nos ramos da sciencia e das artes, da industria e da agricultura.

As conquistas, desde Sesostri até Napoleão, aperfeiçoaram a arte, e transportaram de um paiz a outro os conhecimentos, generalisando-os. Assim Roma colheu, nas conquistas da Grecia e de toda a Italia, o amor pelas artes.

Os mares atravessados, os climas, inteiramente ignotos, descobertos e communicaveis, trouxeram o desinvolvimento industrial e agricola, transportando para a Europa as produções tropicaes. Muitas vezes a intelligencia ha luctado contra os mais terribes obstaculos. Muitas vezes os grandes genios, nos seus véos arrojados, tem ido, martyres da mais nobre das causas, provar o amargo calix dos despresos, e quiçá a morte ignominiosa do reprobo. Muitas vezes esses homens distinctos, a quem a humanidade é devedora de relevantissimos serviços, encontraram em premio o despreso, a

miseria, e até as fogueiras, accesas pelo mais excedendo fanatismo.

Todavia o espirito do homem, passando além de todas essas miserias da humanidade, chorando até sobre ellas, proseguiu na immensa lucta que devia allim vencer, ainda que a preço dos mais tremendos sacrificios.

O genio não succumbiu na guerra contra a ignorancia. O fanatismo, inimigo acerrimo do aperfeiçoamento dos povos, quiz fazer passar sobre elle um veu de ignominias, ou afogal-o em sangue; mas, apesar d'isso, o progresso não caiu vencido; reviveu em cada geração, mais tenaz e mais brilhante. Succumbiu o homem; mas ficou o principio, immortal, atravez ainda de seculos d'obscurantismo, até que, em desforço, a humanidade, aperfeiçoada afinal, resgatou um nome do esquecimento para coraol-o de loiros. — João Huss desappareceu no meio das labaredas da fogueira; mas o nome d'esse martyr imprimiu-se no coração da humanidade, e a humanidade hade respeitá-lo sempre. — Colombo encontrou a morte nas masmorras de Castella; mas as glorias do descobridor do novo mundo não ficaram esmagadas sob as grossas paredes do seu calabouço.

A verdade reage contra todos os obstaculos. Mais cedo ou mais tarde, calcando aos pés a inveja ou a calumnia, assenta-se triumphante no solio, que até ali não pudera occupar. Se as theorias verdadeiras de Salomão de Caus permaneceram muito tempo ignotas ou despresadas, um dia despedaçaram as barreiras em que a ignorancia as apertava, e, percorrendo o mundo de um a outro polo, foram bradando em alto pregão as glorias do encarcerado de Bicêtre, usurpadas pela astucia do Marquez de Worcester.

Assim, pois, a humanidade, superando os mais fortes obstaculos, corre apressada no caminho do seu aperfeiçoamento. O homem eleva-se pela vastidão do genio ao apogeu das grandezas terrestres. Muito embora a ignorancia lhe opponha barreiras aos véos da imaginação, elle sobe, de degrau em degrau, o throno da sua realeza.

Já não conhece impossiveis. O que outr'ora nossos primeiros paes viam á luz do fanatismo, vê-o elle hoje á luz da sabedoria. Os mares indomitos e furiosos só lhe encontram um sorriso de despreso; as montanhas abatem-se ante elle; e o raio curva-se ao poder da sua mão; os phenomenos phisicos, que horrorisavam os primeiros homens, nem sequer o admiram!

Assigna a causa de todos os effeitos; e por aquella prevê estes, antes mesmo do seu desinvolvimento! E a sua frente arrojada, elevando-se para o espaço, parece aspirar a nivelar-se com o Ser dos seres!

O homem, até onde chegará o teu poderio?

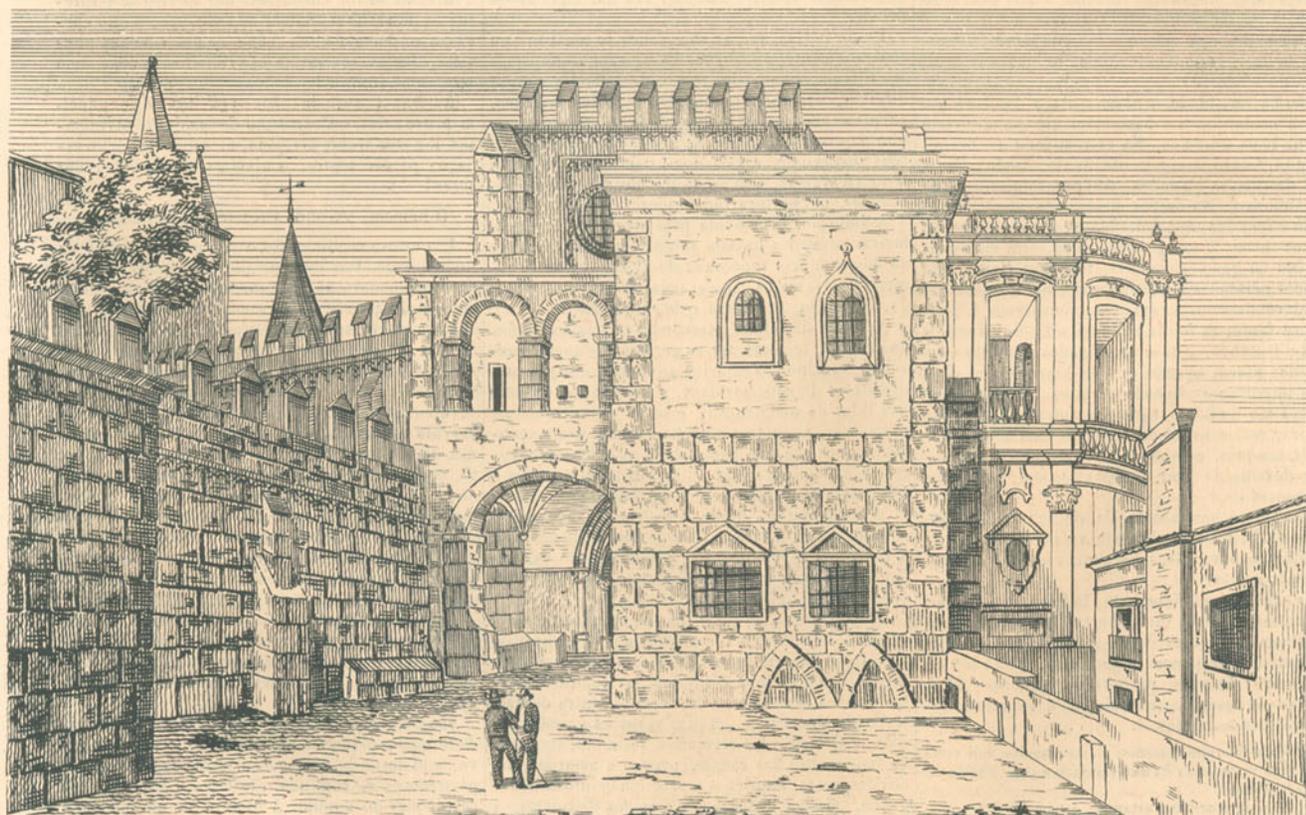
É curioso seguir passo a passo a existencia da humanidade. Por cada seculo novas luzes; por cada geração novo aperfeiçoamento. E se ás vezes a civilização parece paralisar-se, vê-se depois que segue, porventura mais rapida, na sua marcha eterna. Os progressos do espirito humano caminham sempre, lenta ou pressurosamente. Uma civilização dá lugar a outra, mais apurada, mais desinvolvida. Ora na Asia, ora na Europa, tem percorrido de parte em parte, sem se fixar em nenhuma. Depois de assentar-se na Grecia, e no Egypto, estabeleceu a sua sede no continente europeu — mas será porventura estavel? Quem pode affirmar-o? Quando o crescente impunha as leis ao universo, e d'elle partiam os germens do desinvolvimento humano, quem diria aos sectarios do propheta que os *barbaros* da Europa lhe usurpariam ainda esse direito de primazia? quem?...

Grandes e indecifráveis são os arcanos do futuro. As vezes o porvir das nações está n'um simples acaso. — Roma, a senhora do universo, tambem caiu allim, como fizera cair Thebas, Carthago, e Coryntho.

São as peripecias do grande drama da humanidade que é preciso conhecer. A historia de um povo, a historia de uma nação, nada significam em particular; e, contudo, são um elo na cadeia das revoluções do mundo. A historia de um homem é ás vezes a historia do seu tempo. Em Leão x existe um seculo, como em Luiz XIV existe outro. As histo-



Porta d'Aviz, em Evora.



Fachada lateral da Sé d'Evora, do lado da porta do Sol.



Ponte do Pò em Turin.

rias d'estes e d'outros homens, que se teem assignalado pelas suas acções, formam a chronica da sua epoca.

E' por isso que todo o homem deve saber a historia universal, ou ao menos as suas epocas mais notaveis, conhecer os seus vultos principaes, e estar ao alcance de todos os successos que tem promovido a elevação ou a queda dos imperios, e o adiantamento da humanidade.

A geographia transporta o homem aos mais longinquos paizes; fal-o ver e conhecer os mais reconditos logares do globo, sem que se afaste um passo da sua carteira. As chronicas transportam-no ao passado, e fazem-no colher nas suas paginas a sciencia do mundo, e a experiencia dos homens, illustrando-lhe o espirito.

Os inventos, as descobertas, as revoluções, e as causas que as promoveram; o acaso que levou certos homens ao zenith das glorias terrenas, são a escola mais necessaria e mais rica de instrucção em que o espirito pode aperfeiçoar-se.

Sem o conhecimento do passado, o homem passa no mundo como que cego. Nunca poderá, como Volney, e os grandes viajantes, apreciar as bellezas que elle encerra, nem a grandeza dos esforços humanos empregados em cento e dezenove seculos. Sentado sobre as ruinas de Palmyra, debalde interrogará cada uma das suas pedras; cada uma das suas columnas de arrendados capiteis. Por entre as harmonias d'essas solidões não lhe soará o nome de Salomão, ou de Odenato. Debaixo da lava do Vesuvio adivinhará o sepulchro de Hercules e de Pompeia, e o de um grande naturalista? Nas planicies de Pharsalia admirará a arena onde duas grandes potencias rivaes se combateram, e onde se elevou um throno imperial, que foi o espanto do mundo? Não. Estas glorias do passado; estas recordações tão poeticas, não pode o homem gosar-as, porque ignora os factos com que teem relação.

Seria pois uma empresa gloriosa a de fazer generalisar o mais possivel a historia universal, desde a criação do mundo até nossos dias; mas com mais especialidade desde a fundação das primeiras monarchias. Aqui, nas columnas de um jornal, é impossivel querer seguir passo a passo a humanidade em todos os tramites da sua existencia. Limitar-nos-hemos pois a esboçar algumas quadras historicas, que iremos dando ao prelo.

Continua.

A menina dos cabellos brancos.

Conclusão.

Y

Passemos de um salto dramatico ao dia 13 do mez de Novembro de 1858.

Tendo regressado á cidade havia já algumas semanas, entretinha-me a escrever no meu pequeno gabinete da rua Formosa, quando seriam onze horas d'aquelle dia, appareceu inesperadamente o estimavel Antonio Pinto.

— Estás ganhando pão? disse Flor da brutalidade, ao entrar no quarto, affectando um ar jovial, mas visivelmente triste.

— Estou, e creio que honestamente. Então sempre é hoje a partida? proseguei, erguendo-me.

— Já. Vou embarcar. Adeus!

— Espera um momento; vou buscar o chapeo, e acompanharte a bordo.

— Isso incommoda-te... mas enfim, vem, para te despedires de Helena e de Herminia.

— Sempre se resolveram?... Ha muitos dias que as não vejo. Esta vida da cidade é muito diferente da convivencia do campo. Aqui não faço visitas... senão as indispensaveis. Estou ás tuas ordens.

— Caminhemos.

Rua Formosa abaixo, rua do Loreto, largo das duas Igrejas, rua do Alecrim, e eis-nos embarcando no caes de Sodré.

O paquete inglez da carreira do Brazil, com o signal de partida no tope, já lançava novelões de fumo aivacento pelo seu negro canudo, como que impaciente por andar; e quando atracámos a seu bordo, havia ali o movimento e agitação propria de

taes momentos; porém na camara de ré podia-se estar, proporcionalmente, com algum socego.

Gentil, como sempre, a menina dos cabellos brancos recebeu-me de braços abertos, porém bailavam-lhe nos olhos duas lagrimas de bondade; Herminia estendeu-me a mão, mas abaixando a vista ao mesmo tempo; estava pallida e abatida; sua tia chorava ao pé d'ella, custando-lhe a separar-se da companheira dos seus dias, que suppozera ter junto a si até á morte, mas que uma decidida vocação para o santo mister de socorrer os desvalidos levava ao Rio de Janeiro, a alistar-se como irmã da caridade, lá aonde a instituição parece não estar tão alheada dos seus fins como em outras partes; felizmente a boa velha ignorava a verdadeira causa do frustrado suicidio da sobrinha.

Precisamos lançar um rapido volver de olhos para o espaço decorrido entre 21 de Setembro e 13 de Novembro, atim de que o leitor nos não accuse de pouco claros.

Como dissemos, Helena offereceu a sua casa de S. José para n'ella vir convalescer a pobre Herminia; offerecimento que foi accedido, não só pela sobrinha, mas tambem pela tia. Quando viu Herminia fora de perigo, a menina dos cabellos brancos restituiu-lhe a carta que eu achara, e contou-lhe como nós tres sabiamos do segredo, e quaes os sentimentos que nos animavam a seu respeito.

Herminia empallideceu ao ouvir aquella narração; mas enchendo-se da nobre dignidade que dá a innocencia, rasgou vagarosamente a carta, lançou depois os fragmentos no fogão da sala, onde ardia um excellente lume, e disse com voz fraca, mas não tremula:

— Esse homem acabou para mim; foi o primeiro e será o ultimo amor da minha vida. Acreditei que me esporaria, como cem vezes juro por tudo que ha de santo no mundo... Quiz Deus castigar-me do orgulho com que olhava para as mulheres perdidas, ou que suppunha taes...

E lançou a furto um olhar para Helena, que não deu o menor signal de entender a allusão; depois continuou:

— Serei irmã da caridade; e como em Lisboa anda tudo revolto com a apparição d'essas francezas, que uns dizem boas outros más, acompanharei, Helena, ao Rio de Janeiro, e ahí cumprirei o voto que fiz, e acabarei na companhia d'uma boa amiga que me precedeu n'esta carreira.

— Porém, Herminia, lembre-se...

— Bem sei o que me quer dizer. Antonio Pinto, o meu salvador, é um cavalheiro brioso, não faltará á sua palavra... e se faltasse, ainda me restava a minha boa amiga, a minha Helena.

E abraçou ternamente a menina dos cabellos brancos.

Helena ainda tentou dissuadir a infeliz do cumprimento d'aquelle sacrificio, porém Herminia era inabalavel nas suas resoluções; já que não a deixaram suicidar-se, queria ao menos morrer para o mundo.

A velha tia é que foi difficil de convencer para dar o seu assentimento ao projecto da sobrinha; mas não teve remedio senão resignar-se, em vista da firme resolução de Herminia.

Isto era em fins de Outubro, e determinaram a partida para o mez seguinte; Antonio Pinto, que ainda tencionava demorar-se algum tempo na Europa, decidiu partir mais cedo, para vigiar pela futura irmã da caridade, em quanto ella não vestisse o habito no Rio de Janeiro; o leitor sabe que isso dependia de circumstancias. Quanto a Helena não podia espaçar o seu regresso a Buenos-Ayres, aonde o amor e a felicidade a esperavam.

O senhor Pedro Soeiro ficava em Lisboa, com ideas de entrar na especulação do caminho de ferro do norte; o seu nome era assás conhecido, e a sua pessoa muito elogiada nos jornaes, pelos generosos donativos com que subscrevera para a manutenção dos orphãos das victimas da febre amarella, e dos pobres que soffreram com o terremoto de Novembro em Setubal.

A tia de Herminia ficava igualmente, mas inconsolavel.

A apparição do paquete no dia 13 de Novembro acabou com as esperanças da velha; a saída das bagagens para bordo, como que lhe levava a unica felicidade da vida!

— Vae, elegante barco, corre os mares em demanda do Novo Mundo, e todas as fortunas te acompanharão n'esta viagem, em que levas no teu bojo creaturas virtuosas e beneficas como Helena e Pinto, verdadeiras irmãs da caridade como hade ser Herminia; corre sobre as vagas, que o mar te não affronte, que o vento te não contrarie... Adeus, bons amigos... adeus!...

VI.

Eram dez horas da manhã do dia 6 de Maio de 1859.

Como se vê estamos no epilogo da obra, pois que a acção d'este capitulo teve logar ha poucas semanas.

Estava sentado em uma velha poltrona a passar pelos olhos os jornaes do dia, e chegava a um ponto do *Noticiario do Rei e Ordem*, que tinha esta epigraphe: *Más novas de Roma...* quando me entregaram uma carta, vinda do correio. Reconheci a letra, interrompi a leitura do jornal, e abri a carta com emoção... Não me enganara; era de Flor da brutalidade!

Copio-a integralmente, para dar ao leitor mais uma prova da originalidade do nosso homem; eis o que dizia a missiva:

Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1859.

AMIGO VELHO.

Talvez estejas admirado de não te haver escrito ha mais tempo? Pois eu admiro-me é de, mesmo tarde, o fazer agora, porque nada ha que mais me custe do que escrever uma carta! Porém vamos ao assumpto.

Tivemos optima viagem no vapor; chegámos aqui no dia 2 de Dezembro. Pouco depois partiu Helena para Buenos Ayres, e segundo me consta deixou de ser a *menina dos cabellos brancos*, porque o nosso Frederico Paes lhe pediu que os pintasse de castanho, na vespera do casamento. Se escreveres o romance em que me fallaste, não lhe ponhas aquelle titulo. (*Veiu tarde a recommendação*). Herminia *matriculou-se* hontem na confraria das irmãs da caridade... Isto de irmãs de caridade, por cá, é boa fazenda, não deixam crear *bichinhos* nas cabeças das creanças, nem ensinam idiomas que não sabem... trabalham como manda a regra, e a santa lei de Deus. Eu tenho ama em casa... mas não *ama de padre*; pago-lhe para amamentar o meu afilhado, o senhor Virgilio Horacio Pinto, rapagão que ainda não tem um mez de idade, porém que me depena os cabellos dos bigodes como se tivesse dez annos. Inimigo capital do miopismo, já me quebrou tres pares de oculos... o endiabrado rapaz! Tenho com quem me divertir na velhice... Sabes algumas novas d'aquella boa alma de Emilio?

Creio que já disse tudo que te podia interessar, e por tanto — ás ordens; viva.

Amigo velho

A. Pinto.

Depois de ler segunda vez esta pequena carta, que tanto prazer me deu, voltei novamente ao jornal, e lembrando-me ainda do ponto em que ficara, procurei: *Más novas de Roma...* Seguia ao titulo este artiguinho:

«O rico viajante portuguez Emilio de... que estava ha um mez em Roma, foi hontem ferido mortalmente em duello por mr. de Mirecourt, joven tenente do exercito francez de guarnição n'esta cidade. Parece que ambos aspiravam ao amor da princeza de..., tão conhecida pela sua rare formosura, como pelo seu desmedido *coquetismo*... Foi mais uma victima da leviandade das mulheres!»

Não sei se os leitores combinam com o noticiaria na *moralidade do conto*? Eu, não.

F. M. BORDALO.

Ao criminoso pesa mais a consciencia, que a calceia.

O rio Po.

E' o Pó o maior rio da Italia. Nasce na faldá septentrional do monte do Viso, que faz parte dos Alpes Cocciosi. D'ahi vaé correndo na direcção de nordeste até Turim. Inclinando-se depois mais para este atravessa todo o Piemonte, separa o reino Lombardo-Veneziano dos ducados de Parma e Modena, e dos estados pontificios, indo lançar-se no Adriatico a nove leguas ao sul da cidade de Veneza. Pouco antes de confundir as suas aguas com as d'este mar, divide-se em varios braços, que lhe formam outras tantas barras.

Desde Turim até á fronteira, que separa o Piemonte da Lombardia, recebe o tributo de muitos rios, mais ou menos caudalosos. Os principaes são: na margem esquerda, o *Doria Riparia*, o *Stura Superior*, o *Oreo*, o *Malone*, o *Doria Baltea*, o *Sesia*, e o *Tessino*. Este ultimo serve de linha de divisão entre o Piemonte e a Lombardia. Sobre o *Sesia*, desde Verceili até á sua foz no Pó, estavam ha pouco acampados os exercitos austriacos.

Na margem direita do Pó os confluentes mais importantes são: o *Tanaro*, e o *Servicia*, isto é, no mesmo espaço que designamos na margem esquerda.

Os exercitos franco-sardos occupam este lado, estendendo-se desde a cidade de Alexandria, que é a principal praça de guerra do Piemonte, e que está situada sobre o rio *Tanaro*, até á cidade de Casale, que se ergue sobre a margem direita do Pó, em frente do acampamento austriaco.

Em todo o seu longo curso o rio Pó banha mais de cincoenta cidades e villas importantes, as mais notaveis das quaes são: *Turim*, *Casale*, e *Valenza*, no Piemonte; *Placencia*, capital do ducado do mesmo nome, actualmente unido ao de Parma; *Cremona*, cidade do reino Lombardo-Veneziano; *Guastalla*, cidade do ducado de Parma; Mantua, cidade do reino Lombardo-Veneziano; e Ferrara, capital do antigo ducado do mesmo nome, hoje incorporado nos estados pontificios.

A violencia da corrente do Pó, principalmente depois de receber as aguas que o Tessino lhe traz do *Lago Maior*, torna a navegação difficil, e em certos pontos quasi impraticavel.

Na maxima parte do seu curso o Pó atravessa paizes perfeitamente planos. No territorio sardo guardam-lhe as margens extensissimas planicies.

A estampa, que acompanha este artigo, representa o rio Po ao passar por Turim. Ahi se vê a bella ponte de pedra, que communica a cidade com os arrabaldes da margem direita do rio. Esta ponte foi começada em 1810 por ordem do imperador Napoleão I. O formoso templo, que se ergue á entrada da ponte, é a *egreja da Madre de Deus*, o mais sump-tuoso edificio religioso da capital da Sardenha, fundado pelo rei Victor Manuel em commemoração do seu regresso a Turim, e do restabelecimento da sua monarchia em 1814.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O cavallo.

O cavallo é um animal quadrupede, da especie dos solipedes, geralmente conhecido por sua belleza, coragem, força, docilidade de caracter, e sobretudo pela infinita utilidade de que serve ao homem.

A domesticidade do cavallo é tão antiga, que actualmente já se não encontram em parte alguma da Europa cavallos selvagens. Os que se vêem em mandadas na America são d'origem europea, transportados para ali pelos hespanhoes, porque o novo mundo carecia d'esta especie d'animaes, como os hespanhoes tiveram logar de conhecer pelo terror dos mexicanos e dos peruvianos, que, ao vê-los montados em cavallos, os julgaram deuses. Estes animaes tem-se multiplicado com facilidade n'aquelle clima. Encontram-se ás vezes na ilha de S. Domingos mandadas comestivas de mais de quinhentos, que correm juntos. Quando avistam um homem, estacam; um d'elles aproxima-se a certa distancia, dilata as ventas, relincha de terror, e foge seguido de todos os outros.

Estes animaes, ainda que entregues á natureza, parece terem degenerado; e serem menos bellos que os de Hespanha, ainda que a raça seja

a mesma; e talvez isto se possa attribuir ao clima. Mas não obstante, estes cavallos selvagens são muito mais fortes, leves, e musculosos que a maior parte dos cavallos domesticos. Aquelles teem, segundo a opinião de Buffon, o que só a natureza dá; isto é—força e nobreza; os outros teem apenas o que a arte pode fornecer—destreza e graça.

O natural d'estes animaes não é feroz, mas só activo e selvagem: afeiçoam-se facilmente uns aos outros, e vivem sempre na maior harmonia sem já mais guerrear, porque os seus appetites são simples e moderados.

Os habitantes da America caçam os cavallos selvagens por meio de laços de corda, que estendem nos logares mais frequentados por elles. Se o cavallo é preso pelo pescoco, corre o perigo de se estrangular, se o não soccorrem a tempo. Prendem depois o animal fogado a uma arvore, e conservando-o assim por dois dias, sem comer nem beber, tornam-no bastante docil.

A mais nobre de todas as conquistas que o homem tem feito, diz Buffon, é a d'este soberbo e fogado animal, que partilha com elle as fadigas da guerra, e a gloria dos combates. Tão intrepido como seu dono, o cavallo vê o perigo e affronta-o, anima-se do mesmo ardor, e partilha os seus prazeres na caça, nos torneios e nas corridas; mas, tão docil como corajoso, não se deixa arrebatar pelo proprio entusiasmo; sabe reprimir os movimentos, e não sómente se curva debaixo da mão que o guia, mas parece ao mesmo tempo consultar os seus desejos; e precipita-se modera-se ou pára, obedecendo incessante ás impressões que d'elle recebe: é uma creatura que renuncia totalmente ao seu ser, para não existir mais que pela vontade de outrem; que sabe mesmo prevenil-a; que, pela rapidez e precisão dos seus movimentos, a exprime e executa; que sente tanto quanto se deseja, e não faz mais do que lhe exigem; que entregando-se confiadamente, a nada se recusa, e serve com todas as suas forças; fatiga-se e morre até para melhor obedecer. Em uma palavra, a natureza deu-lhe uma disposição de amor e respeito para com o homem, com um certo sentimento dos serviços que lhe podemos prestar; e este animal conhece menos a sua escravidão do que a necessidade da nossa protecção.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

XV

Luiza não abandonou Eduardo. Elisa foi visital-o dias depois para agradecer-lhe o dote: acompanhava-a D. Euphrasia, que olhava com os olhos muito abertos para elle como quem diligenciava comprehender o mysterio que havia em tal presente, porque sendo tão pobre dera a essa mulher, a quem votava apenas amizade de irmão, um dote de tantos contos de réis.

—E' um extravagante! murmurava ella. Com semelhante quantia podia muito bem arranjar-se. E esta irmã de caridade aqui!... Coitada de Maria se lhe caisse nas mãos!

Eduardo estava melhor. A presença de Elisa fazia-lhe sempre muito bem.

—Não sabes, disse-lhe esta de modo que ninguém mais a ouvisse. Acabou-se o barão. Agora trata-se de um alferes de muito espirito que diz muito melhor ao pé de mim. Não achas? Heide apresentar-l'o. Quando lhe constou que estava para casar com o barão, não appareceu tres dias no quartel, e trocou uma guarda!... Se me não tivessem dito que o viram nos toiros, talvez pensasse que estava doente... por amor de mim.

Elisa soltou uma gargalhada e continuou.

—Tu chamas-me *barboleta*, bem sei; mas eu te conto como te enganás. Uma coisa que nunca se viu bem ao pé, esquece-se com facilidade. O dever é tudo. Ora eu devo mais do que ninguém velar pelo meu futuro. Sou orphã, e se esperar que me casem bem, fico para sempre com a tua D. Euphrasia. O alferes pensa do mesmo modo: quan-

do lhe disse que me obrigavam a casar com o barão, logo entendeu, aposto, que fazia um grande sacrificio! Agora, graças á tua generosidade, estou n'outro caso. Tenho um futuro lisonjeiro... —parece-me que todos aquelles contos podem assegurar-m'o, — e como me considero independente, reparto-o com aquelle que verdadeiramente sei amar. Oh! meu irmão, tu não sabes de certo comprehender bem todo o valor do teu obsequio! Que felicidade!... ao ouvir dizer que damos a felicidade a alguém, convencemo-nos de que realmente assim é. O alferes chamava-me o seu anjo, a sua boa estrella; e eu, para te fallar com franqueza, dizia comigo mesma: a quantas terá escripto hoje mesmo semelhantes palavras? As cartas d'elle davam-me sempre vontade de rir; imaginava que eram uma especie de *circulares*. Uma vez, confienciando com uma amiga, mostrei-lhe uma d'essas cartas; ella mostrou-me outra; desatei a rir e perguntei-lhe se tambem era de algum alferes? disse-me que sim. Os alferes escrevem todos do mesmo modo. Agora, porém, meu irmão, essas cartas commovem-me tanto que me obrigam a chorar. Ao ler—meu anjo, minha boa estrella — acreditou sinceramente que a ninguém mais escreve taes palavras no mesmo sentido; porque ninguém, senão eu, lhe leva uma fortuna de trinta contos. Queira Deus que não a jogue. E que verdadeira satisfação, para uma mulher, fazer feliz a quem ama!... não ha outra igual. Quando apparecer a seu lado, ouvir dizer a uns: foi a sua fortuna!—a outros: deve adoral-a, foi a sua redempção! — mil coisas enfim... Até quando as outras mulheres me chamarem tola... acharei n'isso o verdadeiro prazer de me julgar superior a todas, tendo feito o que ellas de certo não fariam se fossem ricas — casar com um homem pobre! Mas... é verdade quando te casas? Já se vê que para esse fim só esperas melhorar!

—E' verdade, querida, quando se é rico, não se espera por mais nada.

—Maria hade estar muito contente! Tomara já fallar-lhe.

—Dá-lhe recommendações minhas.

—Agora de certo não se oppõe Violante. Cuidado contigo, meu *tranquiberneiro politico*. . . Se Violante fór para a tua casa... que vaé, Violante não deixa Maria por coisa alguma d'este mundo! toma sentido... não dês desgostos á minha amiga!...

—Gosto muito de te ouvir, Elisa. Disse Eduardo rindo. Quando me sentir mais doente, heide mandar chamar-te em logar do cirurgião. Tens uma medicina muito agradável. Então julgas que Violante... .

—E' uma *parasita* singular que se *derramou* sobre aquella pobre Maria, abraçando-a com quantos braços tem! Hoje, quem quizer ver Maria, hade primeiro ver Violante. Violante é mais do que *parasita*: hoje é o espirito, o gosto, a vontade de Maria. Esta *pensa* pelo pensamento d'aquella, *gosta* pelas suas idéas; *quer* pela sua determinação; não vê, não ouve, não falla, senão pelos olhos, pelos ouvidos e pela bocca de Violante. Porque não fazes a côrte a Violante?

E Elisa desatou a rir.

—Elisa! tu não amas o proximo! Respondeu, rindo, Eduardo.

—Louca por elle! Olha, quando o Alexandre Dumas era rapaz, que aprendia a recrutar, disse-lhe um dia o *surgentão* já cansado de lhe explicar o modo de fazer meia volta á direita: senhor Dumasse, a meia volta á esquerda é, sem tirar nem pôr, o mesmo que á direita, só com a *diferença de ser tudo ao contrario*. Violante pensa do mesmo modo que eu: *excepté que c'est tout au contraire. Dá-se muito mal com a madrastra; o pae não lhe pode acudir do outro mundo; precisa de alguém: um marido ou uma amiga. A falta de um, segura-se á outra. Ancora de salvação. A proposito, sabes que meu sobrinho s'ii guarda-marinha? Já estou uma velha! Onde fiquei eu? Ah! na ancora de salvação. Continuemos: Ora se a amiga casar com alguém que não seja afeiçoado a Violante, eil-a fora de casa; mas para evitar semelhante desgosto, tratou de se estabelecer de tal modo no espirito de Maria, que entre esta é o pretendente exista sempre a sua immediata influencia! Já se vê que Vio-*

lante impõe ao noivo de Maria as condições de ser rico, e de a respeitar. Estabelecidos estes princípios, Eduardo, parece-me, continuou ella rindo, que ninguém faria mal em bater à porta de Violante para perguntar se Maria está em casa?

Em quanto Elisa fallava com Eduardo, D. Euphrasia, a quem a irmã de caridade dirigira a palavra para evitar que ella escutasse, dizia-lhe: —E' assim, minha irmã, é! Estes, tarde ou nunca tomam juizo! Era elle ainda bem creança, e já constava que andava relacionado não sei com que mulher de má indole que o fazia doído! Esta senhora D. Julia, de quem lhe fallei, tem-lhe um odio mortal! de mais a mais, sabendo que lhe desinquietava a menina... Hi! vai aos ares!... Mas então, elle agora está rico? sabe d'isso alguma coisa?

—Consta-me que teve uma herança.
—Por força! Sabe o que já fez? Dotou com trinta contos aquella *cabecinha de vento* que ali está, que vai casar com um d'estes alferesinhos da moda... *sem rei nem roque!* Ah! minha boa irmã!... Bem dizem que a fortuna é cega!... se ella me visse... outro gallo me cantara! Quer uma pitada de meio grosso? Estou farta de andar *às ordens*, aturando uns e outros... E então lá em casa que são todos *uns genios!*... Oh!...

E sorveu com estrondo a pitada.
Elisa voltou a cabeça, riu-se e disse a Eduardo: —Aposto que está contando tudo quanto lá se faz em casa...

—E dizendo mal de todos!

—Amen!

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA VII.

OS MESMOS, MENOS ALVA, e as DONAS.

D. MENDO — Eu sabia, senhores, que havia de afinal convencer-vos... a vós, D. Sisnando, conde de Riba-Dão... a vós, D. Britaldo, conde de Riba-Côa... Sabia que havia de aqui apagar esses odios, que são sempre um mal... que são agora um crime!

SISNANDO — O meu odio... guardei-o dezeseis annos no coração... Agora... ou mata-me, ou conta que sairá d'aqui implacavel como d'antes.

D. MENDO — Se de nós somente se tratasse, ao campo já saíra convosco... Mas não é isso... Não quero que esqueças as vossas offensas... Não quero que esqueças os meus erros... Quero só desaffrontar a terra da patria, quero...

D. BRITALDO — Se é assim, que o entendes, D. Mendo... sou contigo. Façamos o campo livre, e até ao dia em que nos fór permitido o supremo recontro, poderemos ir medindo a grandeza dos nossos odios pelo espanto dos nossos golpes. Bem, D. Mendo... Era assim tambem que eu pensava.

SISNANDO — E pensava-o eu como vós. Mas agora... mal hajam os que me deram occasião para descrever... mal hajam os que me juncaram de esperanças cortadas esta alma deserta!... Agora... não tenho animo senão para vingar-me!

D. MENDO — De que?

SISNANDO — Não sei... das duvidas que me aqui entraram... Esta alma não tinha sido feita para vacillar. Manda apromptar carceres e grilhões, D. Mendo.

D. MENDO — Por uma suspeita só!... Como que reis que vol-o diga, D. Sisnando?... Houve culpa... Foi só minha... Foi culpa de imprudencia... Ella é pura... é innocente... nem anjos o foram mais.

SISNANDO — Duvidei já.

D. MENDO — Tudo se pode ainda remediar.

SISNANDO — Entregas-me Alva?

D. MENDO — Tem o meu nome... Em quanto o tiver não posso entregar-a senão a seu pae.

SISNANDO — Subterra-me então, D. Mendo! Não

deixes rebentar lá fora esta procella. (*comprimindo o peito.* D. Mendo encaminha-se mudo à janella, e observa: momento de silencio geral).

D. BRITALDO — Que estás tu a ver, D. Mendo?

D. MENDO — Estou vendo... um horror... Os quinhentos vassallos das honras e contos de Riba-Côa, congregados por Castinaldo para saltarem os de Riba-Dão, estão acampados á esquerda... D'aqui se avista o vermelho clarão das suas fogueiras... Mas ali, ao norte, os reflexos da lua fazem luzir os elmos burnidos e alvejar os brancos zorames da hoste agarena!... Que estou a ver? Estou lamentando o desvario que levou um filho de terra goda a appellar assim o infiel.

D. BRITALDO — Caia a culpa sobre a cabeça de quem a provocou.

D. MENDO — Não... em que pese a todos... não hade cair em ninguém!... Senhor D. Britaldo, tomae a vossa espada... Sois livre.

SISNANDO (*sorrindo*) — E eu... fico vosso captivo?...

D. MENDO — E' forçoso... bem vêdes... As portas da liberdade não vol-as posso eu abrir.

SCENA VIII.

OS MESMOS, e ALVA.

Quando se descerra a porta por onde entra Alva, vêem-se fora dois homens d'armas, guardando-a. Sisnando vai sentar-se ao fundo apparentemente indifferente.

ALVA — Não, senhor... heide ser eu.

D. MENDO — Vós!

D. BRITALDO — Vós, senhora de Faria? Não julguei que tivesses chegado a esse ponto de perdição.

ALVA — Se soubesdes que dór d'alma eu venci para aqui voltar, meu pae... não me condemnariis ainda. — Dentro n'uma hora sabereis se eu sei fazer sacrificios ainda maiores que os da vida!

D. BRITALDO — Não tenho já direito de dispor de vós!

ALVA — Meu pae!

D. BRITALDO — Vosso marido que vos ouça... Fóra-me demasiada magoa escutar-vos. — Quando acabardes voltarei. (*sae*).

SCENA IX.

D. MENDO, ALVA, SISNANDO, ao fundo.

D. MENDO — Que pretendeis, senhora?

ALVA — O direito que adquiristes de dispor de mim, sabeis vós porque prego o comprastes?

D. MENDO — E sei que desgraça me custou.

ALVA — Sereis então generoso. Não fareis uso d'elle, e deixar-me-heis cumprir a minha sina?

D. MENDO — São taes as circunstancias em que nos achamos, que vol-o não posso... que o não devo talvez impedir.

ALVA — Agradeço-vos, senhor D. Mendo.

D. MENDO — O nosso casamento pode ser nullo, é certo... Lembrae-vos porém de que ainda é vosso o meu nome.

ALVA — Merecerei eu esse ultraje de m'o recordardes?

D. MENDO — Tomae, senhora... (*dá-lhe uma chave*) Esta porta (*indica-a*) leva á carcova... Além d'ella estão reunidos os de Riba-Dão... Ninguém impedirá quem tomar por ella. (*sae*).

Continua.

Um anjo.

Não tem só da mulher os encantos;
É um anjo formoso do ceo,
Que na terra seus mimos me outorga,
Que n'um laço d'amor me prendeu.

E' a virgem que os sonhos tão castos
Ao mancebo na terra doirava,
Que eu na lyra pedia, que ha muito
Em profundo silencio adorava.

Lá do mar quantas vezes nas praias,
E no monte, e na selva sombria,
E nos campos, nos astros, na brisa,
Quantas vezes cuidava que a via!

Procurava-a de dia e de noite,
Procurava-a sem nunca cessar,
Por seu nome tão lindo chamando,
E baldado o meu doce chamar!...

Encontrei-a, por fim, encontrei-a,
Solitaria, e tão triste como eu;
Estendi-lhe os meus braços, e ella...
Os seus braços tambem me estendeu...

N'um abraço mui doce enlaçados
Muito tempo ficámos assim;
Eu sentindo-lhe o peito que arfava,
Ella o peito sondando-me a mim.

Depois d'isto sentámo-nos juntos,
Sobre a margem de um brando ribeiro
Ella os olhos fitando nas aguas,
Eu mirando seu rosto fagueiro.

Ella olhando com meiga innocencia
Para o astro brilhante do dia;
Eu mirando seus olhos tão negros,
Lindos astros de amor e poesia.

Ella os gratos aromas sorvendo,
Que a florinha na aragem mandava;
Eu sómente aspirando os perfumes,
Que da bocca gentil exhalava.

Ella séria, contando das aguas
Os seixinhos os mais transparentes;
Eu sómente embebido pensando
No mui alvo marfim dos seus dentes.

Ella ouvindo saudosa rolinha,
Que os seus cantos além modulava;
Eu ouvindo sómente o seu peito,
Que de amor e ternura lhe arfava.

Ella vendo a palmeira gentil
Em seu tronco, d'esbelta, dobrar;
Eu mirando seu corpo flexivel,
E a cintura, a cintura sem par.

Assim horas e horas passaram
Sem nós darmos ao menos por tal,
Pois o mundo nem já nos lembrava
Na effusão d'esse amor divinal!...

Mas a tépida aragem da tarde,
Vindo, meiga, seu rosto afagar,
Fez-lhe os negros e longos cabellos
Pelos hombros de jaspe ondular.

Então ella seus olhos erguendo
Um momento no ceo os fitou,
E dos anjos um côro sublime
Docemente em minh'alma soou.

E fugiu-me, correndo ligeira,
E sumiu-se a meus olhos, por fim;
E eu supponho inda vél-a no espaço,
Sempre bella, sorrindo p'ra mim.

Ah! de certo! mulher não parece...
E' um anjo formoso do ceo,
Que na terra seus mimos me outorga,
Que n'um laço d'amor me prendeu!

Maranhão.

J. R. D'OLIVEIRA SANTOS.

A coisa mais difficil na arte de fallar, é ajustar as palavras, e o discurso, á gravidade do assumpto, á comprehensão dos ouvintes, e ao conjunto das circunstancias.

Nada ha mais exaggerativo, que a lente do amor proprio, e a tuba da fama.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.